OPINIÃO

Saúde-Trabalho-Ambiente-Direitos Humanos & Movimentos Sindical e Sociais

28-08-2025

OS SOBREVIVENTES DA 5ª

Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos*

[Multiplicadores de Visat / Núcleo Saúde-Trabalho-Direito do CEBES]

Com muito significado para a Coluna Opinião, o Grupo de Estudos Multivisat, o Fórum Intersindical Saúde-Trabalho-Direito RJ, o Núcleo Saúde-Trabalho-Direito do CEBES [CENTRO BRASILEIRO DE ESTUDOS DE SAÚDE] e o Grupo Dona Alzira [GO] viveram muitas emoções na semana de 18 a 22 de agosto de 2025. Realizada em Brasília, a 5ª CNSTT [5ª CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE DO TRABALHADOR E DA TRABALHADORA] teve como seu tema principal a saúde do trabalhador e da trabalhadora como direito humano. Durante os meses que antecederam a 5ª CNSTT os membros, participantes e militantes dos coletivos citados (e também de outros parceiros) empenharam-se em se preparar com esmero para estar lá ou ficar em seus lugares dando retaguarda em prol da causa do direito humano aplicado à saúde no trabalho. Foi um movimento BONITO. Mesmo sendo impossível falar de todos os nomes quando se fala da tribo da saúde do trabalhador, como foi dito na 5ª CNSTT, é importante registrar aqui as camaradas e os camaradas que, aguerridamente, vestiram o traje das grandes batalhas com o símbolo DH – Direito Humano – estampado do lado esquerdo do peito em suas roupas brilhantes prontas para a guerra. Sim, lutar pelos direitos humanos já é uma guerra, mas falar disso no mundo do trabalho é uma guerra sem fim e sangrenta. Ver a Rosemar, guerreira de Imperatriz (MA), lutando enlouquecida com seu companheiro Alberto, guerreiro voluntário do Rio de Janeiro, que foi por sua conta ao cenário da luta, foi comovente. Chamamos esse modesto texto de "*Os sobreviventes da 5ª*", por razões óbvias. Por saber que Isabella (RJ-BSB) e Douglas (BA-BSB) eram ameaçados, mesmo que implicitamente, ao defenderem as grandes causas e tentar derrubar as causas menores, as mesmas que atravancam a emancipação da classe trabalhadora. Valdir (GO), guerreiro altivo, às vezes solitário, pra melhor atingir seus alvos, esteve lá, em todos os lugares, ao mesmo tempo, como um Deus onipresente da guerra. Sobreviventes foram também os soldados da retaguarda Eguimar (GO), Rosivaldo (GO) e Andres (Colombia) que estiveram lá pra entregar sua palavra de apoio e a logística do afeto necessária nessas ocasiões. Enfrentaram o duro trajeto das trilhas minadas de Goiânia a Brasília, correndo o risco, nas muitas horas percorridas, de serem bombardeados pelo exército da extrema direita que assola o país e captura mentes da classe trabalhadora. Adelany (MA) e Dimitri (RN) percorrendo de ponta a ponta o território das batalhas exerciam sua inteligência estratégica para evitar os ferimentos recorrentes dos combates de seus compatriotas ideológicos. Floraci (MA), Ernani (RJ), Diego (AL) espalhavam-se entre os inimigos para captar as propostas ameaçadoras de que tudo continue no mesmo e que nada mude, como aconteceu nas conferências anteriores.

Ao longe, Rosangela (RJ) municiava nossos soldados e soldadas com o provimento de informações e sugestões táticas. Sua sanha de fuçadeira-informadeira a levava a uma espécie de descabelamento perpétuo enquanto durava cada ação. Ao contrário, Alex (SP), já possuidor de um descabelamento perpétuo, com a calma dos monges, observava o que se passava na Faria Lima e no Palácio Bandeirantes pra manter a soldadesca atenta. Raquel (RJ) e Júlia (BSB) mantinham seus embates bélicos com as inúmeras IA (inteligências artificiais) do planeta para estabelecerem eventuais táticas de guerrilha, se assim fosse necessário, e John (GO) corroborava. Norma (RJ) e Fatima (RJ), no palco da guerra, corriam como loucas combatendo a contrainformação exarada pelos incautos e ingênuos de sempre, enquanto Angela e Dani com sua artilharia ligeira miravam os adversários. Luciene (RJ), logo no início, esteve na frente de batalha para incentivar o exército que ela ajudou a criar, isso deu força redobrada à soldadesca para a luta. Ainda voltaremos ao espaço da Coluna Opinião para denunciar os crimes de guerra contra a saúde no mundo do trabalho. Uma pequena amostra de mutilações e decapitações, perpetradas pelos inimigos, está lá registrada na 5ª CNSTT: capelanias em serviços de saúde; mamografias nos serviços de saúde do trabalhador; psicólogos nas empresas para combater o sofrimento mental do trabalho; financiamento de comunidades terapêuticas; criação de uma política voltada para os 153 auditores internos do SUS; implementação de políticas e programas voltados para gestão do trabalho no SUS (saúde ocupacional) sequestrando a missão constitucional da saúde do trabalhador; valorização e implementação de novas e antigas Normas Regulamentadoras (NR); distribuição de equipamentos de proteção individual (EPI) para trabalhadores em situação de rua; promoção de autocuidado e criação de políticas de práticas corporais e atividades físicas; criação de núcleos ou departamentos de ergonometria nos espaços de trabalho; aumento da carga horária de postos de atendimento a trabalhadores que não são "soltos" pelos patrões para cuidar da saúde ... OH! Deus! ... Não era isso que a 5ª deveria debater, o que será que falta para o grande despertar? Tudo aquilo que insiste em ser sem ser para mudar é insistentemente cansativo e desanimador para os que precisam da mudança. A 5ª muito nos orgulha e orgulhará, mas não podemos deixar de dizer que ela também nos envergonhará. Das 134 diretrizes e 520 propostas somente 18 falavam de direitos humanos. Uma conferência cujo tema central são os direitos humanos que não fala de direitos humanos só tem uma razão de ser: as pessoas não querem (ou não sabem) falar disso. Inclusive, dos 1600 delegados da 5ª CNSTT (os que podem votar), a maioria das propostas teve os votos de apenas um terço dos delegados (quando teve) e as moções foram aprovadas por pouco mais de 100 delegados ... triste fim de uma conferência que se pretende ser popular. As conferências nacionais de saúde precisam mudar. Elas não devem cultivar corporativismos, regionalismos, individualismos, interesses pessoais e profundas contradições com os temas propostos. O debate democrático propicia isso, mas precisamos aprender a ler mais pra ensinar nossos e nossas camaradas. De qualquer modo, a 5ª CNSTT aconteceu e ela agora continua. Ela nasceu peregrina pra mudar o paradigma. E ela vai mudar. Quando algo precisa mudar pra sobreviver, alguma coisa acontece, e o resultado depende de nós.

■ ■ ■

***Este texto foi escrito com as armas dos guerreiros da 5ª CNSTT. Todos e todas participaram dessa manifestação de aprender a ler pra ensinar nossos camaradas.**

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.
A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões,
na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.